

MOVIMENTO DOS DESIGREJADOS E OS IMPACTOS NAS IGREJAS TRADICIONAIS: desafios e oportunidades

Renê da Cruz Menezes¹
Prof. Dr. Elton Vinicius Sadão Tada²

RESUMO: Este artigo explora o fenômeno dos “desigrejados”, indivíduos que optam por se desvincular das instituições religiosas, com foco nas igrejas evangélicas. O problema da pesquisa busca compreender as razões desse aumento significativo de afastamento religioso, investigando críticas às estruturas e lideranças religiosas. A metodologia envolve revisão teórica e análise de literatura bibliográfica. Os objetivos incluem identificar motivos para esse afastamento, examinar implicações nas igrejas evangélicas e propor estratégias. A hipótese sugere que a insatisfação com lideranças e a falta de autenticidade nas práticas religiosas estão ligadas ao aumento desse fenômeno. O estudo contribui para compreender essa dinâmica na religiosidade contemporânea, especialmente nas igrejas evangélicas.

Palavras-chaves: desigrejados; igrejas evangélicas; desvinculação; liderança.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, observa-se no Brasil um fenômeno crescente de pessoas que optaram por se desvincular das igrejas evangélicas, buscando caminhos espirituais independentes e personalizados. Esses indivíduos, denominados “desigrejados”, estão redefinindo suas formas de vivenciar e expressar suas espiritualidades, questionando as estruturas já existentes e gerando impactos significativos nas instituições religiosas. Essa tendência tem chamado a atenção de líderes evangélicos e estudiosos do assunto. Neste artigo, será utilizado o termo “desigrejados” para se referir a esses indivíduos.

A compreensão desse fenômeno é relevante e atual, tanto para os estudiosos da religião quanto para os líderes e membros das igrejas tradicionais. O crescente número de pessoas que se desvinculam dessas igrejas traz implicações significativas para a religiosidade contemporânea (Brockhaus, 2018), e desafia os modelos estabelecidos de organização religiosa. Portanto, é necessário investigar as motivações, as experiências e os impactos dos desigrejados, a fim de compreender melhor esse fenômeno e suas implicações para a vida religiosa.

Esse artigo tem como objetivo geral analisar o fenômeno dos desigrejados no Brasil, buscando compreender suas motivações, experiências e o impacto que têm sobre as igrejas evangélicas e o caminho que as igrejas devem trilhar mediante esse movimento.

Os objetivos específicos deste artigo buscam definir quem são os desigrejados; investigar as principais razões que levam os indivíduos a se tornarem desigrejados; e as implicações nas igrejas evangélicas e estratégias adequadas para as igrejas lidarem com o desafio do crescimento dos desigrejados

Partindo da hipótese de que os desigrejados são uma manifestação crítica em resposta às estruturas e práticas das igrejas evangélicas, é possível considerar que a insatisfação com as lideranças religiosas e a falta de autenticidade nas práticas eclesiais estejam associadas aos crescentes número de pessoas que optam por se desvincular das instituições religiosas, tornando-se desigrejados.

Ao investigar essa realidade em maior profundidade, espera-se contribuir para um entendimento mais abrangente e contextualizado dos desigrejados, fornecendo contribuições valiosas para líderes religiosos

1 Autor: Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica Paulista (UCA). E-mail: renecruzenezes@gmail.com.

2 Orientador: Docente da Faculdade Católica Paulista (UCA). Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário de Maringá (UniCesumar), Pós Graduação em Docência no Ensino Superior no Centro Universitário de Maringá (UniCesumar), Mestre e Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP),Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: elton.tada@uca.edu.br.

e pesquisadores interessados no futuro da religião e na diversidade de práticas espirituais na sociedade contemporânea.

2 IGREJA EVANGÉLICA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Desde o surgimento do Cristianismo, as igrejas tradicionais sempre tiveram espaço de relevância e desempenhou um papel central na vida das pessoas e na sociedade, levando indivíduos a melhoria de vidas nas suas variadas necessidades oferecendo um espaço de culto, comunhão e orientação espiritual. Nos últimos anos no Brasil, pode se observar uma mudança no cenário cristão, a igreja católica que assumia um espaço majoritário perdeu espaço para os evangélicos protestantes.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o último censo revelou um aumento significativo da força e influência das igrejas evangélicas na sociedade contemporânea, passando de 15,4% em 2000 para 22,2% da população em 2010. Isso representa aproximadamente 42 milhões de evangélicos em uma população total de 190 milhões de habitantes. No entanto, é interessante notar que dentro desse grupo, quase 10 milhões de pessoas são classificadas como “evangélicos não determinados”, também conhecidos popularmente como desigrejados ou sem-igreja (IBGE, 2010).

Os dados apresentados acima revelam claramente a dinâmica de mudança e transformação no cenário religioso atual. Eles demonstram como um número crescente de pessoas tem se desencantado com a institucionalização das igrejas, adquirindo maior força e influência na contemporaneidade. Esse fenômeno tem desafiado de forma significativa as lideranças, pastores e a própria estrutura das instituições religiosas. De fato, de acordo com Dias (2023), o grupo dos desigrejados está crescendo de maneira notável e tem despertado grande interesse entre estudiosos, tornando-se possivelmente o que mais cresceu nas grandes metrópoles nos últimos quinze anos. Essas evidências reforçam a importância de compreender as mudanças em curso no cenário religioso e suas implicações para a sociedade.

O teólogo Roldofo Capler chama atenção para este crescimento em uma coluna da revista Veja:

A tendência nos próximos anos é o número de evangélicos “não determinados” aumentarem no mesmo ritmo do crescimento das igrejas evangélicas, que – segundo prospecções de estudiosos – em 2036 se tornarão hegemônicas no cenário religioso. Infelizmente, grande parte dos pastores no Brasil não se atentou para este fenômeno, que em essência, é uma contundente denúncia do status quo. As igrejas evangélicas estão cada vez mais cheias, porém as suas portas dos fundos se tornam progressivamente mais largas a cada dia (Capler, 2022).

No entanto, este artigo parte das seguintes perguntas: Quem são os desigrejados? O que leva os cristãos a não quererem mais estar vinculados às igrejas? Quais os impactos que essa atitude traz para as instituições religiosas? Será que os desigrejados são totalmente responsáveis ou a igreja tem sua parcela de contribuição nesse cenário? Além disso, quais estratégias podem ser adotadas para lidar com os desigrejados? Ao longo deste artigo, serão respondidas a essas e outras perguntas, a fim de compreender melhor esse fenômeno em constante evolução.

3 DEFINIÇÃO DE DESIGREJADOS

O termo “desigrejado” ou “sem-igreja” é utilizado para descrever um grupo de indivíduos que se identifica com a fé cristã, mas opta por não estar vinculado a nenhuma instituição religiosa. De acordo com Bomilcar (2012), os desigrejados são cristãos que demonstram uma forte resistência em relação a qualquer tipo de autoridade espiritual ou liderança que exige submissão e confiança, refletindo experiências negativas passadas ou desconfiança em relação às estruturas institucionais. É importante destacar que os desigrejados também podem ter causado feridas, decepções e mágoas em outras pessoas (Bomilcar, 2012).

Deve-se mencionar que esse movimento é frequentemente considerado por alguns como uma nova tendência. Campos (2013) destaca que, embora possa parecer uma revolução aos olhos de alguns líderes, os argumentos e o desencanto em relação às instituições religiosas têm raízes antigas e não são de fato novos.

Os sem-igreja surge aqui e ali; talvez seja a tribo que mais cresce atualmente nas grandes metrópoles, gente de uma categoria nem tão nova, de uma realidade que se apresenta o tempo todo em diversas formas. Gente que desistiu de comungar, de frequentar cultos fortemente litúrgicos ou reuniões de adoração e expressão comunitária em templos. Gente que não quer mais viver na forma estrutural, institucional e fortemente religiosa; é gente também que optou por caminhar em alguns grupos pequenos em casas, escolas, hotéis, clubes, multiplicando-se, aqui e ali, e que prioriza esse caminho ou esse “jeito de ser e existir (Bomilcar, 2012, p. 79).

Os desigrejados, também, são indivíduos que não aceitam mais se submeter às lideranças e os costumes estabelecidos das igrejas e com isso optaram viver uma vida espiritual autônoma e independente fora dos parâmetros institucionais (Barna Group, 2017).

De acordo com Bomilcar (2012), é evidente a existência de um fenômeno significativo de decepção e insatisfação dentro do contexto religioso. O autor ainda afirma que esses indivíduos se multiplicam por conta das igrejas não procurarem tratar os problemas locais.

4 ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA

Muitos teólogos e estudiosos do assunto acreditam que esses indivíduos não têm uma estrutura física que os represente. Campos (2013) argumenta que, embora para muitos teólogos os desigrejados não tenham uma forma estrutural, eles são organizados e possuem *sites*, literaturas e toda uma teorização por trás, ou seja, eles têm toda uma estrutura que usam como base para se justificar teologicamente e para sustentar a não vinculação com as igrejas:

O movimento, que tem sido chamado por alguns teólogos de desigrejados, não é amorfo. Pelo contrário, é organizado. Possui literatura, sites e toda uma teorização que procura justificá-lo teologicamente, e seu desempenho tem chamado atenção da imprensa cristã e secular (Campos, 2013, p. 21).

Bomilcar (2012), ressalta que existem indivíduos que escolheram se reunir em grupos menores de forma informal, optando por encontros em casas, escritórios, salões alugados, parques ou escolas. Eles têm a intenção de evitar uma formatação organizacional rígida. No entanto, é comum que, de alguma maneira, acabem se agrupando em um local específico, com horários marcados, e possam contar com a presença de alguma liderança ou mentoria para orientar as atividades.

Em contrapartida, Dias (2023), afirma que os desigrejados não têm o hábito de se reunir, nem de estar regularmente em um local, seja em uma casa em prédio ou copa de bananeira; dizem não precisar de igreja e Pastores, pois para eles Jesus é o único pastor.

Entretanto, há de se analisar que, os desigrejados estão divididos e multifacetados em suas abordagens e motivações. Eles representam uma diversidade de perspectivas e trajetórias espirituais, cada indivíduo trilhando um caminho único em relação à religião e espiritualidade. Segundo Bomilcar (2012), há vários subgrupos nesse fenômeno. Vale ressaltar alguns destes subgrupos:

- Os que vivem nas redes e mídias sociais e usam das chamadas igrejas webianas, cibernéticas, televisivas ou radiofônicas.
- Os que simplesmente tornam usuários de eventos promovidos pelas igrejas como congressos, projetos dos seus interesses e vão à igreja casualmente sem nenhum compromisso direto.
- Os que não passaram por uma verdadeira experiência de conversão e mudança de mentalidade (metanóia). Eles não compreenderam, discerniram ou aceitaram plenamente o evangelho de Cristo, o reino e a missão que ele representa.
- Os que optaram por se afastar das estruturas tradicionais das igrejas e se reunir de forma mais informal e descentralizada. Esses grupos se encontram em ambientes como casas, escritórios, salões alugados, parques ou escolas, buscando evitar uma formatação organizacional rígida.

5 ARGUMENTOS DOS DESIGREJADOS

Os desigrejados, de maneira geral, têm uma forte aversão à institucionalização das igrejas (Durand, 2017). Para justificar sua não vinculação e resistência à institucionalização, eles empregam argumentos e fundamentações básicas. Veja esses argumentos citados por Campos (2013, p. 22) em sua obra:

Cristo não deixou qualquer forma de igreja organizada e institucional.

Já nos primeiros séculos os cristãos se afastaram dos ensinamentos de Jesus, organizando-se como uma instituição, a Igreja, criando estruturas, inventando ofícios para substituir os carismas, elaborando hierarquias para proteger e defender a própria instituição, e de tal maneira se organizaram que acabaram deixando Deus de fora. Com a influência da filosofia grega na teologia e a oficialização do cristianismo por Constantino, a igreja corrompeu-se completamente.

Apesar da Reforma ter se levantado contra esta corrupção, os protestantes e evangélicos acabaram caindo nos mesmíssimos erros, ao criarem denominações organizadas, sistemas interligados de hierarquia e processos de manutenção do sistema, como a disciplina e a exclusão dos dissidentes, e ao elaborarem confissões de fé, catecismos e declarações de fé, que engessaram a mensagem de Jesus e impediram o livre pensamento teológico.

A igreja verdadeira não tem templos, cultos regulares aos domingos, tesouraria, hierarquia, ofícios, ofertas, díizimos, clero oficial, confissões de fé, rol de membros, propriedades, escolas, seminários.

De acordo com Jesus, onde estiverem dois ou três que crêem nele, ali estará a igreja, pois Cristo está com eles, conforme prometeu em Mateus 18. Assim, se dois ou três amigos cristãos se encontrarem no Frans Café numa sexta à noite para falar sobre as lições espirituais do filme O Livro de Eli, por exemplo, ali é a igreja, não sendo necessário absolutamente mais nada do tipo ir à igreja no domingo ou pertencer a uma igreja organizada.

A igreja, como organização humana, tem falhado e caído em muitos erros, pecados e escândalos, e prestado um desserviço ao Evangelho. Precisamos sair dela para podermos encontrar a Deus (Campos, 2013, p. 22).

Dias (2023), contextualiza dizendo que todo movimento que começa sempre tem argumentos contundentes e ao contrário do que já está estabelecido e que não tem uma explicação plausível do seu movimento, além de fortalecer dizendo que, esses tipos de argumentos devem ser silenciados, com bons argumentos teológicos.

Vale ressaltar que, os desigrejados são, em sua maioria, pessoas insatisfeitas, desencantadas e frustradas com pastores, líderes e a própria igreja; carregando consigo marcas e cicatrizes da institucionalização e das pressões psicológicas frequentes por parte dos líderes (Bilhalva, 2020).

Essas pessoas consideram que a igreja está desvirtuada em sua natureza, na essência, na proposta relacional comunitária e em sua proposta de missão e serviço. Elas alardeiam a distância entre o que vemos hoje na prática e o que poderia ser feito visando o melhor dos fundamentos colocados por Jesus e seus apóstolos (Bomilcar, 2012, p. 12).

6 MOTIVOS PARA O SURGIMENTO DOS DESIGREJADOS

É possível analisar alguns motivos que levam esses indivíduos a se afastarem das igrejas evangélicas e a viver uma vida espiritual autônoma e independente (Tetzner; Nerbas, 2021). Várias são as razões para o afastamento de fiéis das igrejas, e uma das principais razões para a atual resistência está relacionada à percepção negativa que as pessoas têm dos líderes religiosos que a representam. A proliferação de escândalos envolvendo pastores, bispos e apóstolos têm alimentado sentimentos de resistência e rejeição por parte daqueles que observam ou são afetados por tais acontecimentos. Esses episódios têm abalado a confiança na liderança religiosa, gerando descrença em relação à integridade e autenticidade da instituição (Silva, 2007).

Bomilcar (2012) afirma que, muitas pessoas que deixaram de frequentar as igrejas estão desencantadas com as lideranças, ao perceberem a falta de autenticidade, hipocrisia e burocracia excessiva. O autor ainda menciona que esses desigrejados relatam ter sido vítimas de abusos por parte de pastores autoritários, que exerciam controle absoluto sobre os fiéis, agindo como donos do rebanho e com uma mentalidade coronelista.

Conforme afirma Bomilcar (2012, p. 85), “os desigrejados representam também alguns dos que foram manipulados por muitos desses líderes”. Essas percepções de manipulação e opressão por parte das lideranças têm contribuído para o afastamento de muitas pessoas das igrejas. Bomilcar cita também que as discordâncias doutrinárias levam à saída das igrejas, quando os desigrejados não se identificam mais com as crenças e ensinamentos específicos de uma denominação. Eles podem sentir que suas convicções pessoais não são mais compatíveis com as doutrinas estabelecidas.

Alves (2004) chama atenção para os problemas dos dogmas das igrejas e diz que as religiões, ao criarem dogmas, criaram gaiolas que aprisionam as pessoas. Nessa perspectiva, muitos desigrejados sentem-se aprisionados pelas tradições e dogmas, e ao descobrirem que esses elementos não os conduzem a Cristo, mas os mantêm presos à igreja, revoltam-se e optam por sair dela. Há muitas cobranças de líderes com os dogmas da igreja, pressionando os fiéis a se submetem em obediência extrema, e isso pode criar revolta e os mesmos não querem mais estar na igreja.

Vale considerar o que diz Silva (2007), a rejeição das pessoas em relação à igreja não está diretamente ligada à instituição eclesiástica em si, mas sim à cultura dominante que influencia e determina os valores das pessoas na sociedade atual (Adam; Santana, 2022). A cultura de consumo é apontada como uma força envolvente, na qual tudo ao nosso redor é visto como um mercado de prestação de serviços (Gryboski, 2018). Nesse contexto, as pessoas assumem a postura de clientes, esperando serem servidos o tempo todo com alta

qualidade e pagando o mínimo possível.

Esses episódios têm abalado a confiança na liderança religiosa, gerando descrença em relação à integridade e autenticidade da instituição (Silva, 2007). Campos (2013), afirma que essa desilusão leva ao afastamento pessoas das igrejas à buscar outras formas de espiritualidade fora das igrejas estabelecidas.

Esses líderes se comportam como autoridades que oprimem, como autocratas da fé, e, inevitavelmente, se colocam na prática de suas atribuições como os donos do rebanho e da igreja. São controladores que desejam saber de tudo o que acontece no ambiente dos trabalhos e eventos da comunidade, seja nas casas e nos lares das pessoas, ou em outros encontros mais informais. Alguns o fazem às vezes de forma inconsciente, mas na grande maioria das vezes isso se dá de forma consciente, atropelando, desrespeitando e esmagando as pessoas e seus relacionamentos, desconsiderando suas reflexões, avaliações e percepções (Bomilcar, 2012, p. 85).

7 DESAFIOS E CRISE NAS IGREJAS

Há de se observar que as igrejas enfrentam crises decorrentes de descontentamento com lideranças, escândalos, divergência doutrinária e um descrédito crescente. O teólogo e reverendo Augustus Nicodemus, em sua obra *“O que estão fazendo com a igreja”*, afirma que há uma grande crise moral e teológica nas igrejas, e isso pode estar sendo um catalisador para os afastamentos dos cristãos das igrejas. Vale ressaltar esses problemas mencionados pelo autor:

- Indefinição teológica: Os evangélicos estão enfrentando uma situação em que não há clareza quanto aos rumos teológicos, ou seja, há divergências e incertezas sobre as crenças e doutrinas fundamentais da fé.
- Multiplicidade de teologias divergentes: A existência de diversas teologias que se opõem entre si está contribuindo para a fragmentação e a falta de unidade dentro do grupo evangélico.
- Falta de liderança com autoridade moral e espiritual: A crise é agravada pela ausência de líderes que sejam reconhecidos por sua integridade moral e espiritual, o que enfraquece a confiança na liderança. Derrocada doutrinária e moral de líderes antes reconhecidos: Alguns líderes evangélicos que eram considerados como exemplos e referências estão sendo questionados devido a quedas morais e desvios doutrinários.
- Ascensão de líderes totalitários com auto denominações diversas: Observa-se o surgimento de líderes com atitudes totalitárias que se autodenominam pastores, bispos e apóstolos, o que pode levar a abusos de poder e manipulação dentro das igrejas.
- Influência do liberalismo teológico nas escolas de teologia: As escolas de teologia, que deveriam ser fontes de conhecimento e formação sólida, estão sendo gradualmente influenciados por correntes teológicas mais liberais, o que pode afetar a ortodoxia cristã.
- Ausência de padrões morais para a disciplina eclesial: A falta de critérios claros para a disciplina dentro das igrejas pode permitir que comportamentos inadequados ou antiéticos não sejam corrigidos devidamente.
- Mercantilização de editoras evangélicas: Algumas editoras evangélicas estão sendo criticadas por publicarem livros que não seguem a linha doutrinária evangélica, o que pode levar à diluição da identidade teológica do movimento. Surgimento das chamadas igrejas emergentes: portanto, a ascensão das chamadas “igrejas emergentes”, que podem representar novas abordagens ou modelos de igreja,

mas que também podem gerar controvérsias e divisões dentro do cenário evangélico (Lopes, 2008).

Ao considerar os problemas supracitados em relação ao movimento evangélico, torna-se evidente a necessidade de reflexão e ação para enfrentar essa crise teológica e moral.

8 IMPACTOS E CRÍTICAS NAS IGREJAS

A insatisfação com lideranças religiosas, a percepção de falta de autenticidade dentro das instituições e a rigidez das estruturas e práticas eclesiais têm sido citadas como motivos que levam indivíduos a optarem por se desvincular das igrejas. Além disso, como foi mencionado neste estudo, há relatos de casos de abusos por parte de líderes autoritários que podem estar contribuindo para a desilusão e afastamento de fiéis.

Nesse contexto de desencantos e insatisfações nas igrejas evangélicas por parte dos desigrejados, Bomilcar (2012) chama a atenção das lideranças, afirmando que o papel principal delas é servir e ser um exemplo de integridade e serviço para os fiéis.

No entanto, o autor também ressalta que, infelizmente, em algumas situações, a liderança pode se tornar prejudicial à igreja ou religião, apresentando certas características negativas, tais como autoritarismo, personalismo, espírito coronelista (ou seja, uma atitude dominadora e impositiva), envolvendo-se em jogos políticos e buscando enriquecimento pessoal; dificuldade em se relacionar e se doar ao próximo, e alienação da realidade da vida cotidiana.

Esses líderes precisam entender que suas ovelhas são homens e mulheres que necessitam de acolhimento e acompanhamento contínuo na caminhada até uma maturidade básica e crescente e perceber a necessidade de serem referenciais sérios e comprometidos com o reino (Bomilcar, 2012, p. 108).

Segundo Silva (2007), a igreja tem enfrentado desafios desde seus primórdios. Ao longo da história, percebe-se a presença de indivíduos que, apesar de se apresentarem com uma roupagem cristã, propagam ensinamentos que divergem dos preceitos bíblicos. Muitos desses indivíduos têm utilizado manipulações das Escrituras e alegações de fatos tidos como miraculosos para legitimar sua autoridade. Essas ações têm conduzido pessoas a terem interpretações equivocadas, o que pode causar impactos negativos na sua jornada espiritual (Silva, 2007).

Alves (2004) afirma que, algumas igrejas hostilizam e chegam até matar aqueles que pensam diferente dela, sem dar oportunidade para o contraditório, acreditando serem donos da verdade e absolutos em seus ensinamentos.

Bomilcar (2012) diz que as igrejas das grandes cidades têm sido opressivas, levando os seus fiéis a consumir seus produtos, a se doarem excessivamente para alimentar os luxos de seus líderes, e não estão se preocupando com seus membros, pois as igrejas estão pensando somente em si.

O autor continua dizendo que nem sempre a igreja cumpriu o verdadeiro propósito de pregar o evangelho do reino e cultivar os valores e cultura desse reino. Em muitos momentos, a igreja se afastou das razões fundamentais ensinadas por Jesus e seus apóstolos, resultando em uma descaracterização de sua essência. Muitas vezes, a igreja se viu desfigurada, fragilizada e caótica, e sempre houve períodos de crise e distanciamento de sua verdadeira missão.

Por isso mesmo, ao observar este tipo de igreja completamente voltada para si mesma, insensível para com os de fora, irresponsável para com a moral e a ética na vida social, completamente envolvida por seus próprios modismos, teologismos e enfermidades que nada têm a ver com a essência da espiritualidade cristã, sou levado a ser o primeiro a gritar: “Igreja? Tô fora!” (Silva, 2007, p. 15).

Neste contexto, é relevante destacar as palavras do apóstolo Paulo em uma de suas cartas dirigidas a Timóteo, seu discípulo na fé 4.12-16. Paulo enfatiza que os líderes têm a responsabilidade de serem um modelo para os fiéis, sendo guardiões dos ensinamentos transmitidos por Cristo. Ele ressalta que, ao seguirem esse caminho, os líderes não só encontrarão a salvação para si próprios, mas também serão instrumentos para a salvação daqueles que os seguem. Isso realça a importância da liderança exemplar e do compromisso com a preservação dos princípios cristãos na jornada de fé.

[...] sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza. Persiste em ler, exortar e ensinar, até que eu vá. Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério. Medita estas coisas; ocupa-te nelas, para que o teu aproveitamento seja manifesto a todos. Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem (Bíblia, 2009, Timóteo 4, 12-16).

9 IMPORTÂNCIA DA IGREJA

Nota-se que há diferentes situações ocorrendo nas igrejas, e alguns líderes estão adotando novas perspectivas em relação a seus valores, conceitos e dogmas, o que tem levado a uma reavaliação nas igrejas. Isso pode resultar em diferentes formas de participação dos membros e congregados. No entanto, é importante considerar que a importância da igreja vai além de ser apenas um local para resolver problemas e buscar conforto, ela pode proporcionar oportunidades para que indivíduos transformem suas vidas e se desenvolvam como pessoas (Silva, 2007).

Essa transformação é facilitada através dos ensinamentos espirituais, da comunhão com Deus e da interação com a comunidade de fé. A igreja oferece um ambiente acolhedor e propício para que as pessoas encontrem redenção, esperança e uma nova direção para suas vidas. Conforme diz na segunda carta de Paulo aos coríntios 5.17: “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”.

Em Hebreus 10.25, mostra a importância do congregar: “Não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia”. Este versículo apresenta um chamado firme contra a ideia de uma espiritualidade isolada, ressaltando a importância de se reunir como igreja e encorajar uns aos outros. A convivência comunitária é essencial para o cuidado mútuo, porque proporciona uma abordagem saudável para não nos considerarmos acima do que realmente somos. A comunidade se torna um espaço para promover a saúde emocional, permitindo que os indivíduos encontrem apoio e conforto uns nos outros (Silva, 2007, p. 65).

A igreja é retratada como uma comunidade espiritual viva, cuja base é a figura central de Jesus Cristo, simbolizado como a pedra angular. Essa analogia é comparada a um campo com várias plantas, representando os membros da igreja conectados à videira, que é Jesus. O Espírito Santo atua continuamente, desenvolvendo características essenciais como alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Esses elementos fundamentais sustentam e fortalecem a comunidade da igreja, proporcionando

crescimento espiritual e uma vida plena (Bomilcar, 2012).

Conforme Silva (2007), a igreja é uma comunidade de indivíduos que carregam memórias de erros cometidos no passado, mas que foram purificados, santificados e justificados na igreja pela pregação do evangelho de Cristo. Ao serem constantemente lembradas do imenso amor de Deus por elas, essas pessoas passam a buscar o propósito divino para suas vidas.

A igreja é composta por seres humanos e não por seres angelicais, homens sujeitos a falhas e erros. Apesar de suas contradições e das vezes em que pode ferir pessoas, a igreja também tem o poder de acolher, animar, realizar e acertar. Ela desempenha um papel fundamental como comunidade protagonista, exercendo a função que lhe foi confiada, mesmo com suas imperfeições (Bomilcar, 2012).

E por mais que alguns líderes tenham desapontado, Bomilcar (2012), afirma que ainda existem pessoas sérias no tratado da fé, corajosas que amam cuidar de vidas, acolhendo e ajudando-as em suas variadas necessidades e além do mais, comprometidas com a verdade é que entenderam sua missão como igreja.

Em suma, a mensagem central é que, apesar das imperfeições, a igreja local é uma comunidade redimida pelo amor de Deus, buscando viver conforme Seus ensinamentos, mas cientes de suas limitações humanas.

10 DESAFIO E ALTERNATIVA PARA AS IGREJAS

Diante do avanço por parte do fenômeno dos desigrejados as igrejas enfrentam um grande problema e vivem desafiadas a buscarem alternativas para conter esse crescimento. De sorte que o afastamento dos cristãos implica como um todo nas instituições, desde a queda nas receitas, descontrole organizacional e nos projetos futuros. Logo, surgem as indagações: o que fazer diante desses desafios. Para Lopes (2008), é importante que as igrejas não busquem outras alternativas, não criem outro Deus ou até mesmo uma outra igreja.

Vale considerar o que Bomilcar afirmou. A igreja ao longo da história sempre buscou conciliar o divino e o humano, apresentando-se em diferentes formas: desde uma abordagem mais orgânica e relacionada nos primeiros séculos, até assumir uma forma mais institucionalizada a partir do quarto século. Em cada época, a igreja enfrenta desafios significativos para sua sobrevivência, resistência e continuidade. Essas mudanças e adaptações foram essenciais para que a instituição se mantivesse relevante e cumprisse sua missão ao longo dos tempos (Bomilcar, 2012).

Campos (2017) destaca que a igreja, nesses dois mil anos de história, sempre teve que lidar com pessoas contrárias aos seus ensinamentos, dogmas, tradições e costumes. Sempre houve indivíduos que sempre estão insatisfeitos e não concordam com as práticas estabelecidas, indivíduos que criam ruptura levando a certo desconforto e descontrole para as instituições.

Portanto, séculos antes da Reforma de Lutero, os denominados “irmãos” tentavam outros caminhos ou expressões de igreja, entendendo que as formas poderiam ser muitas: já prestavam cultos e faziam suas reuniões e celebrações no campo, algumas vezes escondidos nas aldeias, e quase sempre em regiões mais distantes do burburinho e do movimento dos grandes centros (Bomilcar, 2012, p. 96).

Vale ressaltar que a igreja tradicional ao longo dos anos sempre enfrentou rupturas por parte dos seus membros e provavelmente a mesma adquiriu experiências à frente de indivíduos contrários a ela. Mas talvez ainda precise buscar outra forma de lidar com esses desafios.

Para que as igrejas encontrem uma saída diante ao crescimento dos desigrejados; a abordagem diante

desse desafio deve ser pautada na reflexão sobre os valores fundamentais da fé cristã, na fidelidade aos ensinamentos bíblicos e no cuidado genuíno com os membros da comunidade religiosa. É necessário buscar soluções que fortaleçam a identidade e a missão das igrejas evangélicas, para que possam enfrentar essa crise de forma coerente e transformadora.

Existem relacionamentos que podem ser pautados por regras ou não, mas em ambos os casos, há uma ênfase na importância da respeitabilidade mútua e na vivência de atitudes claras, honestas e humildes, especialmente por parte dos líderes, pois os desigrejados estão em busca de comunidades nas quais a autenticidade nas relações e o respeito mútuo sejam valorizados, em contraposição a ambientes que percebem falta de transparência ou manipulação por parte da liderança (Bomilcar, 2012).

Bomilcar (2012) também enfatiza a importância da humildade e das atitudes dos líderes quando se trata de atrair e cultivar um relacionamento com os desigrejados, ou seja, aqueles que se afastaram das práticas ou instituições religiosas.

Vale ressaltar o que diz Silva (2007), que um desafio fundamental enfrentado pelas igrejas é manter a fidelidade à pessoa e mensagem de Jesus em meio às transformações da sociedade contemporânea. Nessa época, marcada pela pós-modernidade e urbanização, as igrejas enfrentam diversas pressões que podem afetar sua identidade, propósito e relevância.

Essas pressões buscam fazer com que a mensagem de Cristo seja mais atraente e esteja de acordo com os valores e princípios dominantes, mesmo que isso signifique comprometer a sua autenticidade. Em alguns casos, essas influências podem até levar as pessoas a se sentirem aprisionadas por idéias e comportamentos que vão contra os ensinamentos originais de Jesus e sua essência espiritual (Santos, 2018).

Bomilcar (2012) chama atenção da importância de encontrar líderes e pastores em uma comunidade local que compreendam as necessidades e conflitos das pessoas como um “rebanho de ovelhas”. Esses líderes devem reconhecer que seus membros são homens e mulheres que precisam de acolhimento e acompanhamento contínuo em sua jornada rumo à maturidade espiritual.

Para serem líderes efetivos, eles devem ser referências sérias e comprometidas com o reino de Deus. Isso requer pessoas capacitadas, com uma atitude de longo prazo, paciência e disposição para investir no bem-estar espiritual dos membros da comunidade (Marinho, 2018). Segundo Bomilcar, os líderes devem buscar a direção espiritual para orientar suas ministrações, ensinamentos e aconselhamentos, a fim de ajudar as pessoas a crescerem em sua fé e relacionamento com Deus. “A abordagem desses líderes deve ser cuidadosa e comprometida, visando ao bem-estar e ao crescimento espiritual daqueles sob seus cuidados” (Bomilcar 2012, p. 108).

11 O DIÁLOGO COMO CAMINHO DE ESPERANÇA

Nelson Bomilcar, pastor, músico e teólogo citado nesta obra, traz à tona relatos de pessoas que se sentem desconectadas das igrejas em seu livro *“Os Sem Igrejas- Buscando caminhos de esperança na experiência comunitária”*. Esses relatos refletem uma voz que ecoa em meio a milhares de pessoas que compartilham desencantos e dúvidas em relação às instituições religiosas:

1) Sou membro de uma instituição local onde bato o ponto, mas atualmente alimento minha fé, de fato, em um pequeno grupo numa casa. Sinto-me inadequado nas duas. Tento preservar meu próprio duplo posicionamento. Hoje é como consigo sobreviver. Sinto-me, de fato, um sem-igreja. 2) Não fui a nenhuma igreja no final de semana e, preciso ser sincero com você, não senti a menor falta. Estou bem com a minha opção atual, fazendo parte da “Comunidade Virtual Webiana, e assim vou me alimentando aqui e ali com algumas mensagens em mp3 e participando de fóruns de discussão on-line. É um caminho de sobrevivência. Sinceramente, não acredito mais na proposta de ser igreja (Bomilcar, 2012, p. 12).

O autor enfatiza a importância de ouvir essas vozes e respeitar suas experiências, entendendo que há um significativo número de indivíduos que se sentem “sem-igreja”, procurando outras formas de vivenciar sua fé. Nesse contexto, Bomilcar destaca a necessidade de buscar um diálogo sincero entre as igrejas e os desigrejados, visando encontrar caminhos que possam ser benéficos para ambas as partes.

O diálogo sincero é apontado como uma ferramenta fundamental para qualquer grupo ou instituição, especialmente em comunidades locais. Ele envolve uma troca aberta e respeitosa de idéias e perspectivas, em que as diferentes realidades e pontos de vista são considerados. Esse diálogo não apenas permite uma melhor compreensão das razões pelas quais algumas pessoas se afastam das igrejas, mas também abre espaço para a reflexão e adaptação das práticas e abordagens eclesiais (Bomilcar, 2012, p. 164)

Ao mencionar que alguns dos desigrejados encontram sustento para sua fé em pequenos grupos domiciliares ou por meio de comunidades virtuais, o autor destaca que as igrejas devem estar atentas às diversas formas de vivenciar a fé que estão surgindo na sociedade contemporânea. Isso não significa desconsiderar a importância da igreja como instituição, mas sim reconhecer que as necessidades espirituais das pessoas podem ser diversas, e que é preciso encontrar maneiras de acolher e dialogar com essas diferentes abordagens.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crescente tendência dos desigrejados no Brasil representa um fenômeno relevante e atual na religiosidade contemporânea. Indivíduos que optam por se desvincular das igrejas evangélicas estão redefinindo suas formas de vivenciar e expressar suas espiritualidades, questionando as estruturas institucionais e desafiando os modelos estabelecidos de organização religiosa.

Analisando o comportamento das igrejas e todos os problemas apresentados neste artigo, é evidente que, em parte, ambos têm contribuído para o afastamento de seus membros e sofrido os impactos desses erros. A saída de pessoas das igrejas pode ter consequências econômicas, afetando projetos futuros das instituições, como a diminuição da arrecadação financeira, a perda de sua diversidade e a necessidade de refletir sobre suas práticas e estruturas.

No entanto, essa situação pode impulsionar a renovação da igreja, com um foco maior em justiça social e inclusão. O diálogo aberto e a disposição para enfrentar desafios podem transformar essas dificuldades em oportunidades de crescimento.

Este artigo buscou compreender as motivações, experiências e o impacto dos desigrejados sobre as igrejas evangélicas. Ao investigar esse fenômeno em maior profundidade, fica evidente que a desvinculação das igrejas está frequentemente associada a um desencanto com as lideranças, à falta de autenticidade, hipocrisia e burocracia excessiva dentro das igrejas. Além disso, alguns desigrejados relatam terem sido vítimas de abusos por parte de líderes autoritários, afastando-os das igrejas.

É importante ressaltar que, apesar dos problemas enfrentados pelas igrejas, estas desempenham um

papel fundamental na vida das pessoas, oferecendo um espaço para reflexão espiritual, orientação moral e valores que auxiliam os indivíduos a enfrentarem os desafios da vida cotidiana. A igreja também proporciona acolhimento emocional e solidariedade em momentos difíceis.

Diante desse fenômeno, as igrejas evangélicas enfrentam um grande desafio e precisam buscar alternativas para conter esse avanço. É necessário refletir sobre os valores fundamentais da fé cristã, promover a fidelidade aos ensinamentos bíblicos e buscar soluções que fortaleçam a postura dos líderes, sua identidade e missão, para enfrentar essa crise de forma coerente e transformadora.

Para lidar com os desafios apresentados pelos desigrejados, as igrejas devem adotar uma postura de diálogo e abertura, buscando compreender as motivações e necessidades desses indivíduos, proporcionando espaços mais inclusivos e acolhedores. Além disso, é fundamental que as lideranças eclesiais cultivem a humildade, a transparência e o compromisso genuíno com o bem-estar espiritual dos fiéis.

A compreensão mais abrangente dos desigrejados contribui para o aprimoramento das práticas religiosas, promovendo um ambiente mais saudável e enriquecedor para todos os envolvidos. As igrejas evangélicas devem estar dispostas a aprender com esse fenômeno e a se adaptar às transformações da sociedade contemporânea, mantendo-se relevantes e cumprindo sua missão de promover a fé e o bem comum.

Em suma, o estudo dos desigrejados é de extrema importância para o campo da religiosidade contemporânea e para os próprios líderes e membros das igrejas tradicionais. A compreensão das motivações e impactos desse fenômeno permitirá o desenvolvimento de estratégias mais eficazes para aprimorar a atuação das igrejas e fortalecer sua relevância na sociedade atual.

REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio César; SANTANA, Denise. A crise do pertencimento religioso e o movimento dos desigrejados. **Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 354-365, 2022.

ALVES, Rubem. **Dogmatismo e Tolerância**. São Paulo: Loyola, 2004.

BARNA GROUP. Meet the “Spiritual but Not Religious”. **Barna Group**, Ventura, CA, 6 abr. 2017. Disponível em: <https://www.barna.com/research/meet-spiritual-not-religious/>. Acesso em: 23 jul. 2023.

BÍBLIA. Timóteo 4. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BILHALVA, Alexandre Oliveira. **Os desigrejados: estudo sobre o fenômeno da desinstitucionalização contemporânea nas igrejas evangélicas**. 2020. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

BOMILCAR, Nelson. **Os sem igreja: buscando caminhos de esperança na experiência comunitária**. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

BROCKHAUS, Hannah. In Western Europe, Christians who don't go to church outnumber those who do. **Catholic News Agency**, Roma, Itália, 18 jun. 2018, 14:15. Disponível em: <https://www.catholicnewsagency.com/news/38661/in-western-europe-christians-who-dont-go-to-church-outnumber-those-who-do>. Acesso em: 22 jul. 2023.

CAMPOS, Idauo. **Desigrejados: teoria, história e contradições do niilismo eclesial**. São Paulo: Contextualizar, 2013.

CAMPOS, Idauo. **Desigrejados: teoria, história e contradições do niilismo eclesial**. Rio de Janeiro: bvbooks, 2017.

CANIATO B.; SILVA, J. B. da; DALL'AGNOL, L. Igrejas evangélicas multiplicam templos e expandem influência política. *Veja*, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/igrejas-evangelicas-multiplicam-templos-e-expandem-influencia-politica>. Acessado em: 21 jul. 2023.

CAPLER, Rodrigo. Por que milhões de evangélicos estão abandonando suas igrejas: Teólogo Rodolfo Capler analisa o fenômeno dos “desigrejados” que cresce cada vez mais dentro do segmento religioso no país. *Veja*, São Paulo, 12 maio 2022, 17:52. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/por-que-milhoes-de-evangelicos-estao-abandonando-suas-igrejas/>. Acesso em: 24 jul. 2023.

DIAS, Rui Alexandre. **Desigrejados**. Joinville, SC: Clube de Autores, 2023.

DURAND, Daniel de A. **Desigrejados**. Joinville, SC: Clube de Autores, 2017.

GRYBOSKI, Michael. 4 reasons why many Christians don't go to church. *Christian Post*, [s. l.], 13 nov. 2018. Disponível em: <https://www.christianpost.com/news/4-reasons-why-many-christians-dont-go-to-church.html>. Acessado em: 24 jul. 2023.

IBGE. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LOPES, Augutus Nicodemus. **O que estão fazendo com a Igreja**: Ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

MARINHO, Karina Passos. Os desigrejados. *Teologia Brasileira*, São Paulo, n. 70, agosto de 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/os-desigrejados/>. Acessado em: 24 jul. 2023.

SANTOS, Douglas Alessandro Souza. **Os desigrejados**: um caso de reconfiguração religiosa entre os evangélicos brasileiros no contexto da modernidade radicalizada. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2018.

SILVA, Ricardo Agreste da. **Igreja? Tô fora!** Campinas: Z3 Editora e Livrarias, 2007.

TETZNER, Gerson Welmer; NERBAS, Paulo Moisés. Os desigrejados: um estudo do fenômeno e da influência da igreja no aumento do número de cristãos sem vínculo institucional. *Igreja Luterana - Revista de Teologia do Seminário Concórdia*, [s. l.]v. 82, n. 2, p. 17-46, 2021.